EXPERIMENTOS SITUACIONISTAS: deriva e psicogeografia no centro do Recife

Luiz Augusto do Monte, Gentil Porto Filho

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar conclusões alcançadas pela pesquisa de mestrado desenvolvida por Luiz Augusto do Monte, sob orientação do professor Gentil Porto Filho, no Mestrado em Design da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A pesquisa tratou de experimentar a deriva e a psicogeografia, técnicas provenientes da Internacional Situacionista, no centro expandido da cidade do Recife. Após uma apresentação histórica e fundamentação teórica das práticas situacionistas, o artigo retrata o foco metodológico na fenomenologia e no estudo de diagramas como contribuição para a aplicação dessas técnicas e apresenta os relatos e o processo de experimentação. As conclusões apontam para a validação das hipóteses de "unidades de ambiência" e *plaques tournantes* e discutem as consequências da aplicação de métodos situacionistas no centro de uma metrópole contemporânea.

1 INTRODUÇÃO

A intenção deste trabalho é revisitar a teoria situacionista e aplicá-la no centro do Recife, procurando adicionar uma camada de conhecimento no conjunto das pesquisas urbanas promovidas na cidade. Essa nova camada, baseada numa investigação afetiva das cidades, procura se incorporar às pesquisas do campo da arquitetura, do design, da filosofia, da psicologia, entre outras disciplinas. Além do seu caráter investigativo, a teoria e a prática situacionista inseridas no panorama contemporâneo também podem funcionar como elemento de ativação de aspectos importantes para as cidades contemporâneas, principalmente no Brasil, como, por exemplo, a contestação da mídia e da propaganda nos processos sociais urbanos e a luta pelo direito à cidade, tão urgente no país.

Dado este intuito de reaplicar ações situacionistas no âmbito de uma cidade contemporânea, foram escolhidas duas técnicas de investigação e intervenção próprias do movimento situacionista: a deriva e a psicogeografia. Ambas as técnicas procuram diagnosticar aspectos afetivos relativos a dinâmica urbana ao mesmo tempo que se constituem numa ação política alternativa aos paradigmas vigentes de apropriação da cidade. Além disso, considerando-se as questões levantadas sobre as cidades contemporâneas brasileiras, foi escolhido como objetivo de aplicação o centro urbano da capital de Pernambuco, o que delineou o principal objetivo do trabalho: analisar os resultados da aplicação da deriva e da psicogeografia no centro expandido do Recife.

2 A INTERNACIONAL SITUACIONISTA

"Nossa ideia central é a construção de situações, isto é, a construção concreta de ambiências momentâneas da vida, e sua transformação em uma qualidade passional superior" (DEBORD, 1957). Esta é uma das definições fundamentais que deram origem,

em 1957, à Internacional Situacionista, grupo de artistas, pensadores e ativistas que teve como campo principal de suas reflexões e intervenções as próprias cidades, em especial os centros urbanos e a relação desses espaços com a vida cotidiana.

Por volta da década de 1950, surgem na Europa diversos grupos políticos e artísticos, dedicados especialmente a repensar a relação entre arte e vida cotidiana, criticando sobretudo os ideais vigentes não só do momento artístico, como também dos conceitos de arquitetura e urbanismo hegemônicos da época. Esses grupos estavam imbuídos, na sua maioria, de um forte desejo de propor ações que se estendessem além das vanguardas históricas (SADLER, 1999, p. 1), cujos preceitos ainda vigoravam no campo das artes.

Apesar de realizar diversos contrapontos teóricos, esse círculo de artistas sofreu ainda muita influência das vanguardas. Baseados principalmente em ações e intervenções urbanas iniciadas pelo movimento Dadá e pelos surrealistas, muitos desses artistas e ativistas da década de 1950 iniciaram discussões acerca da arte em publicações e realizaram intervenções em várias capitais da Europa. Em dado momento, por conta do contexto político, econômico e de desenvolvimento das cidades, as pesquisas e investigações de determinados grupos começaram a se voltar para o âmbito dos centros urbanos e iniciaram uma tendência de reavaliação dos conceitos de urbanismo vigentes. Em julho de 1957, a junção de alguns desses grupos em um congresso na Itália resultou na formação de uma única entidade, intitulada então de Internacional Situacionista.

A Internacional Situacionista (IS) foi um movimento de raiz essencialmente anticapitalista. O grupo visava transformar profundamente o modo de vida das sociedades modernas. A crítica a um tipo de vida no qual as condições sociais tornavam-se elementos subordinados ao sistema de lucro do capital era um dos pontos principais dos textos do movimento.

> As novas cidades pré-fabricadas exemplificam claramente a tendência totalitária de organização de vida do capitalismo moderno: os habitantes isolados (geralmente isolados no âmbito da célula familiar) veem a vida reduzida à pura trivialidade da repetição combinada com o consumo obrigatório de um espetáculo igualmente repetitivo (DEBORD, 1962).

Esse posicionamento é compreensível, tendo em vista que a metade do século XX se configurou como um período de pós-guerra, que sofreu grande influência da massificação dos bens de consumo advindos da segunda revolução, e que a década de 1950, em especial, pode ser compreendida como uma década importante para a consolidação de grandes inovações tecnológicas e da publicidade, contribuindo assim, para o desenvolvimento do sistema capitalista (HOBSBAWM, 1995).

A firmeza situacionista contra a submissão da estrutura social ao capitalismo se consolidava por intermédio da produção textual e estética do grupo. Essa produção estava embebida em um conceito que viria a ser desenvolvido anos à frente por um de seus mais importantes membros, o conceito de *espetáculo*.

O *espetáculo*, expressão concebida por Guy Debord, tenta traduzir em apenas uma palavra a mercantilização aplicada às relações sociais e às imagens veiculadas inerentes à lógica capitalista. Segundo Debord (1997, p. 24), "o espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta da alienação". A noção de *espetáculo* se consagrou, portanto, como um dos fundamentos das críticas situacionistas ao capitalismo.

Era comum que os textos difundidos pelo movimento incorporassem colagens de jornais, obras de arte ou quadrinhos que ironizassem o capitalismo e a publicidade, especialmente através da televisão, reconhecida pelos situacionistas como “o veículo de explosão do poder do espetáculo da modernidade adequado para afetar a percepção do espaço real” (SADLER, 1999, p. 16).

Fig. 1 “Hoje à noite o espetáculo em casa”, Internacional Situacionista

Essa crítica frente aos parâmetros principais do capitalismo e à ideia de consumo passivo implicada na espetacularização da sociedade é ainda mais intensa na segunda e na terceira fase do grupo, compreendida aproximadamente entre os anos de 1962 e 1972. Num texto situacionista de 1963, Debord afirma que a sociedade da alienação já exerce influência em boa parte das relações globais e reivindica a possibilidade de inverter esse processo para que a sociedade pudesse exercer o controle de sua própria vida.

> A mesma sociedade de alienação, controle totalitário e consumo passivo espetacular reina em todos os lugares, apesar da diversidade de seus disfarces ideológicos e jurídicos. A coerência dessa sociedade não pode ser entendida sem uma crítica abrangente, iluminada pelo projeto inverso de uma liberdade criativa, um projeto onde cada um possa controlar todos os níveis de sua própria história (DEBORD, 1963).

Para os situacionistas, uma sociedade alienada pelo *espetáculo* só poderia ter esse caráter invertido mediante uma revolução que propiciasse a liberdade necessária para uma gestão coletiva da própria vida em sociedade. Com este objetivo em pauta, a IS defendeu a experimentação contínua de seus procedimentos:

> Propomos uma pesquisa experimental a ser efetuada coletivamente em algumas direções que definimos neste momento e em outras, a serem ainda definidas. [...]. Nossas hipóteses de trabalho serão reexaminadas a cada transformação futura, venha de onde vier (DEBORD, 1957).

A partir de então, com a continuidade de publicações periódicas e ações urbanas, a IS desenvolveu uma série de métodos de atuação que visavam revolucionar a cultura vigente. Alguns dos métodos elencados foram utilizados para a subversão de ideias publicitárias, sempre em consonância com a lógica anticapitalista. Outros métodos tiveram maior relação com o contexto urbano, dentre esses, os mais importantes para a compreensão do presente trabalho são a "deriva" e "psicogeografia".

3 DERIVA E PSICOGEOGRAFIA

Desde até mesmo antes da fundação da IS, alguns dos grupos que a originariam já discutiam práticas e comportamentos antiespetaculares que prezavam por uma aproximação do indivíduo com a cidade. Em 1954 o próprio Debord, juntamente com Jacques Fillon, escreve um texto para a revista Potlatch em que preconiza essas ações no âmbito urbano.

> As grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva. A deriva é uma técnica de andar sem rumo. Ela se mistura à influência do cenário. Todas as casas são belas. A arquitetura deve se tornar apaixonante. Nós não saberíamos considerar tipos de construção menores. O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis (DEBORD; FILLON, 1954 apud JACQUES, 2003, p. 17).

Entretanto, foi na primeira revista do movimento situacionista que foi publicado o manifesto em que os membros registraram suas primeiras definições. Nela, os situacionistas descrevem dois conceitos inovadores de experiência na cidade: a deriva e a psicogeografia. A deriva é descrita especificamente pela revista IS n. 1, em 1958, como um "modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica de passagem rápida por ambiências variadas [...]" (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 1958).

Na revista de n. 2 da IS, também de 1958, é republicado um texto de autoria de Guy Debord, originalmente publicado em 1956, no periódico Les Lèvres Nuesse. O texto, intitulado "Teoria da Deriva", se propõe a desdobrar ainda mais o conceito, delineando inclusive instruções sobre o número ideal de participantes, duração das derivas e delimitação do campo de experiência.

Durante as várias apreciações do texto, Debord manifesta algumas opiniões sobre os possíveis resultados da aplicação da deriva nas cidades, como, por exemplo: a possível identificação de espaços, aos quais o situacionista concede o título de "unidades de ambiência", e a hipótese do reconhecimento de elementos chamados por ele de *plaques tournantes*. Expressão francesa que representava uma "alusão às placas giratórias e manivelas ferroviárias responsáveis pela mudança de direção dos trens" (JACQUES, 2003, p. 23).

> As lições da deriva permitem estabelecer os primeiros levantamentos das articulações psicogeográficas de uma cidade moderna. Além do reconhecimento de unidades de ambiência, de seus componentes fundamentais e de sua localização espacial, percebem-se os principais eixos de passagem, as saídas e as defesas. Chega-se à hipótese central de *plaques tournantes* psicogeográficas. Medem-se as distâncias que separam de fato duas regiões de uma cidade, distâncias bem diferentes da visão aproximativa que um mapa pode oferecer (DEBORD, 1958).

Segundo Debord (1957), a realização da deriva pretende suscitar hipóteses, e não necessariamente resolvê-las. A intenção é percorrer a cidade com a finalidade de fazer emergir dela elementos relativos ao acaso, como a organicidade da paisagem urbana, as espontâneas situações cotidianas e a efervescência própria do trânsito dos indivíduos, ou seja, a vida citadina em sua forma legítima. A diferença do trajeto de deriva para o caminhar habitual está na abertura do participante para as questões da geografia afetiva da

cidade, nesse sentido “os acasos da deriva são fundamentalmente diferentes dos do passeio” (DEBORD, 1957).

A prática da deriva está intimamente ligada à psicogeografia. A psicogeografia também é descrita na revista IS n.1, como um “estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 1958). Desse modo, o indivíduo que investigue as implicações do meio urbano, de maneira subjetiva, pode se considerar um psicogeógrafo.

Na tentativa de elucidar a relação entre os termos deriva e psicogeografia, parece adequado afirmar que a deriva se constitui como a principal técnica de investigação da psicogeografia, como é descrito no texto apresentado por Debord na fundação da Internacional Situacionista: “uma primeira tentativa de modo de comportamento já foi obtida com o que chamamos de deriva, [...] um meio de estudo da psicogeografia e da psicologia situacionista” (DEBORD, 1957). Essa tese também é confirmada por outro membro da IS, o libanês Abdelhafid Khatib, que afirma em 1958: “Os recursos da psicogeografia são numerosos e variados. O primeiro e mais sólido é a deriva experimental” (KHATIB, 1958). E ainda pela arquiteta Paola Jacques, pesquisadora da teoria situacionista, quando afirma em seu livro Apologia da Deriva (2003, p. 22) ser evidente que “a deriva era o exercício prático da psicogeografia”. Sendo assim, é possível admitir que a psicogeografia num método de exploração dos aspectos afetivos da cidade, tendo a deriva como principal procedimento de investigação.

A relação intrínseca entre ambas proporcionou aos situacionistas um novo modo de encarar o processo de investigação de cidades. Amparados nessas proposições, os artistas se debruçaram sobre a cidade gerando relatos, cartografias e montagens fotográficas que traziam à tona aspectos até então escondidos pela *espetacularização* das cidades. Enquanto a psicogeografia fornecia aos situacionistas uma visão fenomenológica das cidades, a deriva servia como um instrumento de levantamento de dados, além de força motriz do levantamento de hipóteses psicogeográficas. A repetição dessas técnicas por parte dos situacionistas estava amparada na consideração de Debord (1957): “O progresso da psicogeografia depende muito da extensão estatística de seus métodos de observação e, principalmente, da experimentação por intervenções concretas no urbanismo”.

4 DISCUSSÕES METODOLÓGICAS

4.1 Aspectos Fenomenológicos

Uma questão que surge frequentemente nas investigações urbanas é a percepção do ambiente. Ao deambular por uma determinada cidade estamos sempre sujeitos aos seus objetos e fazemos uma interpretação dos sinais que nos são fornecidos. Entretanto, essa tomada de consciência das coisas por intermédio da percepção pode ser mais ou menos profunda dependendo do ritmo em que se anda e da abertura que se dá à experiência do trajeto. Quando caminhamos de maneira “automática”, ou seja, de modo correspondente ao cotidiano do trabalho, da escola, do banco, etc, a tendência é que percebamos os ambientes de uma forma igualmente automatizada.

> Nós acreditamos saber muito bem o que é "ver", "ouvir", "sentir", porque há muito tempo a percepção nos deu objetos coloridos ou sonoros. Quando queremos analisá-la, transportamos esses objetos para a

> consciência. Cometemos o que os psicólogos chamam de *experience error*, quer dizer, supomos de um só golpe em nossa consciência das coisas aquilo que sabemos estar nas coisas. Construímos a percepção com o percebido. (MERLAEU-PONTY, 1999, p. 25-26).

Um dos grandes atos da teoria situacionista da deriva foi justamente o de tentar quebrar com a lógica automatizada do caminhar. A implementação metodológica das errâncias procurava se dedicar mais à própria experiência do trajeto em si, do que à reflexão sobre seus objetivos:

> Uma ou várias pessoas que se dediquem à deriva estão rejeitando, por um período mais ou menos longo, os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar (DEBORD, 1958).

Este raciocínio se alinha ao fato dos situacionistas rejeitarem a lógica massificadora da sociedade, a qual eles consideravam espetacular. A deriva serve, deste modo, como um contraponto a um mundo que os situacionistas consideravam opressor. Através dessa lógica de contraposição a uma sociedade alienante e do uso da deriva e da psicogeografia enquanto formas de fuga de um padrão de vida irrefletido, os situacionistas criaram hipóteses que buscavam, precisamente, a quebra, ou mesmo, a inversão destes paradigmas.

"Além do reconhecimento de unidades de ambiências, de seus componentes fundamentais e de sua localização espacial" (DEBORD, 1958), a hipótese central das *plaques tournantes* psicogeográficas (DEBORD, 1958) são demonstrações desse objetivo.

Um fato relevante dessa investigação é que ela também dá a tônica do método de pesquisa aqui adotado. Segundo Moreira (2002, p. 25) “o mais importante critério de seleção de um delineamento experimental é o de que ele seja apropriado para o teste das particulares hipóteses de estudos”. O próprio uso do adjetivo “experimental” por parte do autor é idêntico ao que, por vezes, os situacionistas se referiam à deriva:

> A deriva é um modo de comportamento *experimental* numa sociedade urbana. (...). Os outros meios, como a leitura de fotos aéreas e de mapas, o estudo de estatísticas, de gráficos ou de resultados de pesquisas sociológicas, são teóricos e não possuem esse lado ativo e direto que pertence à deriva *experimental* (KHATIB, 1958, grifo nosso).

As hipóteses situacionistas destacadas foram desenvolvidas paralelamente à produção bibliográfica relativa à primeira fase de existência do grupo. A força dessas reflexões reside, portanto, no "experimentalismo" artístico e na empolgação nos questionamentos à sociedade da época. A hipótese relativa às unidades de ambiência, por exemplo, é claramente derivada de uma análise fruto de caminhadas com atenção às atmosferas visitadas.

> E a mínima prospecção desmistificada mostra que nenhuma distinção, qualitativa ou quantitativa, das influências dos diversos cenários construídos numa cidade pode ser formulada a partir de uma época ou de um estilo arquitetônico, e menos ainda a partir das condições de habitat (DEBORD, 1955).

Isso sugere o quanto a teoria situacionista preocupou-se com o exame afetivo das cidades, e o quanto a negação em relação aos aspectos alienantes da sociedade são importantes na busca de uma percepção não automatizada de cidade.

4.2 Diagramas

A deriva e a psicogeografia, enquanto meios de atuação e análise da cidade, fazem uso igualmente da cartografia. Entretanto, a cartografia utilizada como instrumento situacionista visa traduzir elementos pouco comuns à representação tradicional. Por conta disso, a confecção e análise de uma cartografia psicogeográfica está imbuída de processos e subjetivações que podem ser melhor compreendidos com o entrelaçamento de campos diversos do conhecimento.

O engenheiro Kenneth Knoespel intitula a segunda parte de um de seus artigos sobre diagramas de "Diagram and Metaphor" (Diagrama e Metáfora), em face da capacidade dos diagramas em concretizar elementos tal qual uma expressão metafórica é capaz de traduzir uma determinada ação ou circunstância em palavra. Segundo Knoespel (2002, p. 12) é apropriado pensar que os diagramas nos permitem observar o quanto o discurso visual é composto de uma genealogia de figuras que delineiam a geração de significados.

Os mapas psicogeográficos elaborados pelos situacionistas, em especial os mapas de Guy Debord, demonstram o quanto esta noção de transposição de um discurso visual pode ser eficaz. Nesse sentido as cartografias psicogeográficas podem ser vistas como uma experiência de diagramação do processo de deriva, e consequentemente de apreensão urbana.

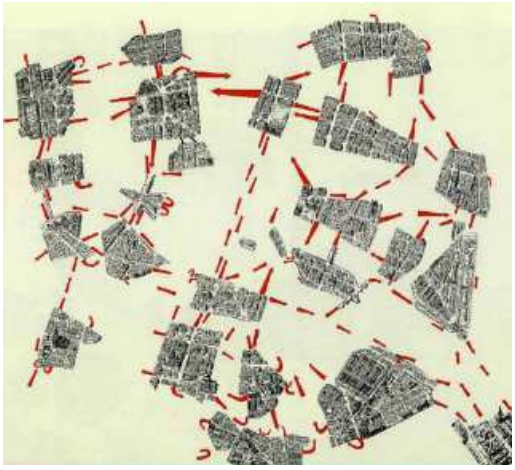


Fig. 2 Mapa situacionista psicogeográfico de autoria de Guy Debord

A composição de um mapa psicogeográfico é pautado na adaptação de conceitos linguísticos para o campo da expressão gráfica. Os conceitos de unidades de ambiência, por exemplo, são representados por secções dos lotes e ruas fotocopiados do mapa de Paris. Os pontos de inflexão dos trajetos são representados pelas setas vermelhas, ganhando certa personalidade de acordo com suas curvaturas e comprimentos. Eles são descritos por Debord como “desvios de direção espontâneos” (DEBORD apud JACQUES, 2003, p.23).

A produção desse tipo de mapa era incentivada pelo grupo como uma maneira de especular sobre os aspectos subjetivos da cidade. Ao associarmos esses mapas ao conceito de diagrama esbarramos novamente no campo fenomenológico: “do ponto de vista da fenomenologia ou da ciência cognitiva, os diagramas têm grande embasamento óptico porque sugerem as formas em que as conexões são realizadas dentro do um campo visual” (KNOESPEL, 2002, p. 11, tradução nossa).

Os situacionistas tiveram essa percepção precisamente por conta da crítica ao modo de vida não-perceptivo. Não à toa, as primeiras elucubrações acerca das possibilidades de uma cartografia psicogeográfica surgem ainda nos textos de crítica urbana, no período embrionário do movimento, quando Debord ainda participava da Internacional Letrista.

> A confecção de mapas psicogeográficos e até simulações, como a equação – mal fundada ou completamente arbitrária – estabelecida entre duas representações topográficas, podem ajudar a esclarecer certos deslocamentos de aspecto não gratuito, mas totalmente insubmisso às solicitações habituais (DEBORD, 1955).

Em conjunto com as considerações sobre a fenomenologia e as hipóteses situacionistas, o estudo dos diagramas contribuiu para uma melhor adequação dos experimentos pretendidos pela presente pesquisa.

5 EXPERIMENTOS

Com o objetivo de analisar os processos e resultados do desenvolvimento de derivas e psicogeografia no centro expandido do Recife, o autor da pesquisa do mestrado, juntamente com mais dois pesquisadores participantes, executou três experimentos. Durante os experimentos os pesquisadores puderam reconhecer duas hipóteses, descritas por Debord em *Teoria da Deriva*, e atreladas ao exercício de ambas as técnicas situacionistas: as "unidades de ambiência" e certos espaços semelhantes às *plaques tournantes* psicogeográficas.

O conceito de *plaques tournantes* foi reconhecido de maneira aproximada durante a execução dos experimentos. Entretanto, a verificação dessa hipótese não obteve resultados expressivos por conta, principalmente, da incerteza dos pesquisadores quanto à adequação da experiência em relação à fundamentação teórica. O que se justifica em parte pela ausência de precisão na própria conceituação situacionista, em específico aquelas apresentadas na *Teoria da Deriva* e no *Esboço de Descrição Psicogeográfica do Les Halles*. Deste modo, considerou-se que a hipótese continua como uma formulação insuficientemente testada, e que necessita ser investigada de forma mais profunda em novos estudos teóricos e práticos.

Com relação ao reconhecimento de unidades de ambiências, pode-se afirmar o oposto. O processo de caracterização dessas unidades acabou se tornando a principal tônica dos experimentos, resultando na definição de dois tipos de ambiências: as “ambiências nostálgicas” e as “ambiências suspensas”.

As "ambiências nostálgicas" foram definidas por espaços em que a presença de edifícios antigos ou mesmo modernos, cobertos pela pátina ou outros elementos que caracterizam envelhecimento, é percebida como uma atmosfera em que ainda podem ser intuídos movimentos e práticas sociais próprios de épocas passadas.

No caso das "ambiências suspensas" as áreas foram delimitadas de acordo com sua atmosfera de apreensão urbana. Elas se distinguem por espaços onde o tempo da deriva é percebido de maneira mais lenta, cuja ambiência é mais voltada ao permanecer do que ao percorrer, e onde os edifícios potencializam a sensação de reclusão e separação do movimento urbano geral.

Ficou perceptível que a escolha das ambiências foram influenciadas, em grande parte, pelo interesse por certos elementos físicos e arquitetônicos. O fato dos pesquisadores-participantes serem dois arquitetos e um cineasta também pode ser considerado um importante fator para a ênfase visual das leituras das ambiências. Apesar disso, não se pode negligenciar os aspectos subjetivos dessa caracterização, sobretudo quando se atenta para a experiência temporal das ambiências. No caso das "ambiências nostálgicas", podemos indicar um tempo passado, plangido. E no caso das ambiências suspensas, um tempo presente e expandido.

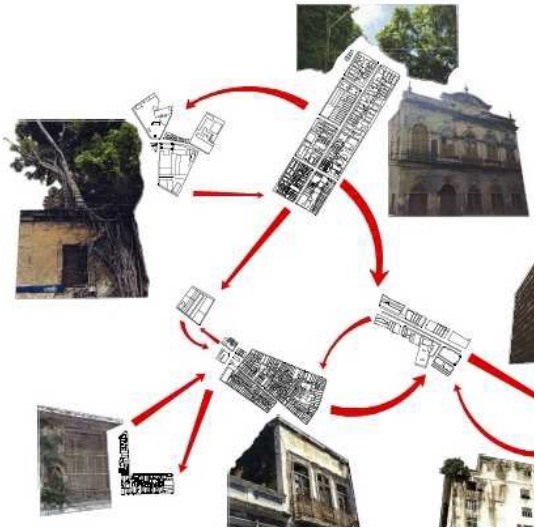
Fig. 3 e 4 Exemplo de ambiências nostálgicas no Recife

Fig. 5 e 6 Exemplo de ambiências suspensas no Recife

Para um melhor esclarecimento e aprofundamento das avaliações sobre as vivências relatadas, os pesquisadores confeccionaram mapas com interferências gráficas na cartografia existente da cidade. Dois desses mapas procuram traduzir a inter-relação entre as unidades de ambiências descritas nos experimentos. O trio buscou conectar os lugares

relatados nas derivas, aproximando suas extensões através de componentes gráficos e fotográficos, explorando recursos visuais utilizados nos mapas situacionistas (como as setas de ligação e recortes do mapa da cidade) e adicionando registros imagéticos das ambiências.

As setas procuram representar a proximidade das atmosferas das ambiências, independentemente de sua localização geográfica. Além disso, também almejam traduzir a tendência de percurso entre uma ambiência e outra, baseando-se nas sequências dos trajetos realizados pelos pesquisadores. O recorte dado às fotografias busca potencializar a tradução imagética do ambiente retratado, enquanto que o posicionamento de cada uma delas no mapa pretende representar suas atmosferas mais imediatas.



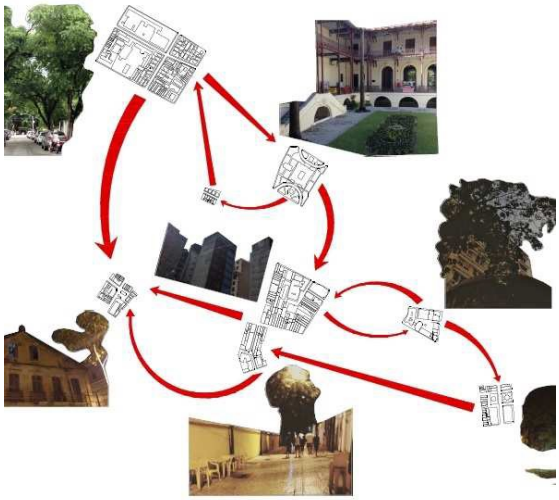


Fig. 7 e 8 Mapa de inter-relação entre ambiências nostálgicas e Mapa de inter-relação entre ambiências suspensas

6 CONCLUSÕES

As suposições quanto às unidades de ambiências foram verificadas pelo trio de pesquisadores-participantes. Os participantes exercitaram o reconhecimento dessas unidades em vários setores da área explorada e detectaram a presença recorrente de dois tipos de ambiências: as denominadas "ambiências suspensas" e "ambiências nostálgicas". Esses dois tipos de ambiência foram analisados durante os experimentos de forma gradual e espontânea, e acabaram por manifestar-se em elementos que funcionavam ao mesmo tempo como espaços reconhecíveis e espaços norteadores de trajetórias.

Além do reconhecimento das unidades de ambiência, pode-se considerar como conclusão da pesquisa outro tópico importante para a própria realização do trabalho. Devido ao desenvolvimento das tecnologias, a prática de derivas no contexto contemporâneo sofre um considerável impacto cognitivo. Atualmente as derivas acontecem em espaços onde as relações sociais, culturais e temporais encontram-se moldadas pelas redes de informação. O reconhecimento dessa nova atmosfera deve, portanto, fazer parte das derivas contemporâneas, que agora enfrentam novos desafios quanto ao caráter *espetacular* da experiência urbana.

Desde o fim da IS aos dias atuais, a submissão ao *espetáculo* e ao sistema capitalista parece apenas reconfigurada. As relações sociais mediadas por imagens (DEBORD, 1997) deixaram de ocorrer majoritariamente através do veículo televisivo para se espalhar pela internet. O pressuposto político da deriva contemporânea está, portanto, no de combater a lógica da massificação e alienação que continuam maciçamente presentes, mesmo com todas as transformações trazidas pelas novas tecnologias e relações sociais.

Nesse sentido, as derivas se contrapõem a esse contexto espetacular contemporâneo especialmente na sua capacidade de criação de um tempo particular, pensado pelos situacionistas e verificados pelos pesquisadores da presente pesquisa. Esse tempo particular funciona, portanto, como uma experiência crítica à contemporaneidade que remonta à figura do *flâneur*:

> O errante urbano seria como um homem lento voluntário, intencional, consciente de sua lentidão, [...]. Essa lentidão também pode ser vista como uma crítica ou denúncia da aceleração contemporânea, da pressa que impossibilita a apreensão e reflexão mais vagarosa (JACQUES, 2014, p. 294-295).

Pode-se enunciar, portanto, que as técnicas situacionistas da deriva e da psicogeografia são efetivamente capazes, através do seu exercício, de promover um olhar sobre as cidades distanciado da lógica do espetáculo. E ainda, que a força desse desvinculamento se encontra no exercício de imersão no tempo particular de tais processos.

Por fim, deve-se argumentar que a deriva e a psicogeografia em uma cidade contemporânea pode se tornar um exercício de grande complexidade. As contribuições expostas nesse artigo demonstram as vastas possibilidades de desdobramentos teóricos referentes a essas práticas. Nesse sentido, esta pesquisa surge como uma pequena contribuição para um conjunto de ações e investigações futuras.

7 REFERÊNCIAS

DEBORD, Guy. **Introduction to a Critique of Urban Geography**. Les Lèvres Nues, Vol. 6, 1955. Disponível em: <http://www.cddc.vt.edu/sionline/presitu/geography.html>. Acesso em: 16 mai 2015.

DEBORD, Guy. **Report on the Construction of Situations and on the International Situationist Tendency's Conditions of Organization and Action**. Cosio d'Arroscia, 1957. Disponível em: http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/report.html. Acesso em: 20 abr 2016.

DEBORD, Guy. **Theory of the Dérive**. Internationale Situationniste, Vol. 2, 1958. Disponível em: <http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html>. Acesso em 20 abr 2016.

DEBORD, Guy. **Perspectives For Conscious Changes in Everyday Life**. Internationale Situationniste, Vol. 6, 1962. Disponível em: <http://www.cddc.vt.edu/sionline/everyday.html>. Acesso em 20 abr 2016.

DEBORD, Guy. **The Situationists and the New Forms of Action in Art and Politics**. 1963. Disponível em: <http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/newforms.html>. Acesso em: 20 abr 2016.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Internationale Situationniste #1**, 1958. Disponível em: <http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/is1.html>. Acesso em 20 abr 2016.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Internationale Situationniste #2**, 1958. Disponível em: <http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/is2.html>. Acesso em 20 abr 2016.

JACQUES, Paola Beresntein (org.). **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Beresntein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2014.

KHATIB, Abdelhafid. **Attempt at a Psychogeographical Description of Les Halles**. Internationale Situationniste #2, 1958. Disponível em: <http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/leshalles.html>. Acesso em 20 abr 2016.

KNOESPEL, Kenneth. **Diagrammatic Transformation of Architectural Space**. Philosophica, Georgia Tech University, Atlanta, Vol. 70, 11-36, 2002. Disponível em:www.lmc.gatech.edu/~knoespel/Publications/DiagTransofArchSpace.pdf. Acesso em: 20 abr 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Daniel. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

SADLER, Simon. **The Situationist City**. Cambridge e Londres: The MIT Press, 1999.